

Jornal da Comunidade



UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

www.uem.mz

facebook.com/uemmoc

twitter.com/uemmoz

youtube.com/uemmoz

Edição: 206 | Sexta-feira, 11 de Março de 2022 | Periodicidade: Semanal

No âmbito do projecto Coral Sul, mais de 50 estudantes formados em Engenharia de Petróleo e Gás



Pouco mais de 50 estudantes moçambicanos foram formados em diversas áreas ligadas à Engenharia de Petróleo e Gás, nos últimos três anos, numa iniciativa que se enquadra no projecto Coral Sul.

Esta foi a segunda fase do programa de formação no âmbito deste projecto, sendo que a primeira decorreu no período de 2012 a 2018, tendo formado 149 profissionais neste campo de conhecimento.

A cerimónia de reconhecimento da formação destes moçambicanos decorreu esta sexta-feira, no Centro Cultural da Universidade Eduardo Mondlane, tendo coincidido com o encerramento da Semana

AINDA NESTA EDIÇÃO:

Novos ingressos animados com o início das aulas

Estudantes que este ano ingressaram, pela primeira vez, na Universidade Eduardo Mondlane, aguardam com ansiedade o início de uma formação numa instituição que consideram crucial para o mercado de emprego.

ANUNCIE NESTE ESPAÇO!

Para mais detalhes:
cecoma@uem.ac.mz

de Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM WEEK), um evento que visa atrair mais oportunidades e parcerias para apoiar programas da UEM e promover áreas de Tecnologia, Engenharia e Matemática.

A Vice-Reitora da Universidade Eduardo Mondlane, Profa. Doutora Amália Uamusse, disse na ocasião que o evento se reveste de capital importância para todos moçambicanos, a partir do momento que constitui uma autêntica demonstração do impacto positivo da boa relação com as entidades que operam no sector industrial.

“O Consórcio TJS (subcontratada da Coral Sul) e a UEM mantêm laços de cooperação desde 2018, cuja ênfase está orientada para a implementação de projectos e iniciativas de educação e desenvolvimento no campo de petróleo e gás. É neste contexto que vários quadros foram formados para responder os desafios de desenvolvimento local”, explicou.

Referiu que decorre na Faculdade de Engenharia o programa de Mestrado em Saúde, Segurança e Meio Ambiente, com o propósito de formar investigadores e profissionais

com competências na gestão de risco, tendo em conta as actuais exigências do mercado local e internacional.

Henrique Cossa, representante do Ministério de Recursos Minerais e Energia, indicou que a actividade de formação destes profissionais é consistente com a visão do Governo no concernente à capacitação de jovens para aumentar a sua empregabilidade de nos projectos de petróleo e gás.

“Projectos como este só podem ser considerados como iniciativas de sucesso quando estiverem a incorporar conteúdos locais, dando emprego aos moçambicanos e permitir a participação de empresas nacionais nas cadeias de reconhecimento de serviços”, referiu.

Por sua vez, Gizela Zucula Tivane, formada em Engenharia Civil pela UEM e uma das beneficiárias da formação, revelou que teve uma capacitação em Paris, por um período de seis meses, e está neste momento a trabalhar numa empresa de prestação de serviços de engenharia e aquisições para o projecto Coral Sul.

“Aos estudantes, aconselho dedicação e



Prof. Doutora Amália Uamusse

mais atenção às oportunidades, uma vez que a indústria de petróleo e gás é nova no País, sendo por isso que haverá muitas oportunidades nos próximos dias”, aconselhou.

Refira-se que, durante o evento de encerramento da STEM WEEK, foram apresentados cerca de 40 alunos do ensino secundário que também beneficiaram-se de formação nesta área.

Novos ingressos animados com o início das aulas

Estudantes que este ano ingressaram, pela primeira vez, na Universidade Eduardo Mondlane, aguardam com ansiedade o início de uma formação numa instituição que consideram crucial para o mercado de emprego.

No presente ano lectivo, a UEM prevê matricular 5.890 estudantes, dos quais 2.950 para os cursos lecionados no regime laboral, 1.560 pós-laboral e 1.380 no ensino à distância.

Apesar de muita “correria” que caracterizou os primeiros dias de matrícula, alguns estudantes reservaram tempo para partilhar com a nossa reportagem as expectativas de estudar numa universidade que consideram de renome a nível nacional e internacional. Tal é o caso de Miranda Ventura que vai cursar a Licenciatura em Tradução de Português e Inglês.



“Como agente penitenciário, tenho tido interação com reclusos estrangeiros que, maioritariamente, não entendem a língua portuguesa, daí que espero ter habilidades para uma boa comunicação com estes, facilitando deste modo a sua reabilitação e

inserção. Estou muito feliz por ter conseguido ingressar na UEM”, disse Ventura, que espera terminar o curso em tempo recorde para poder implementar os conhecimentos adquiridos no seu posto de trabalho.

Mando Chadreque, Licenciatura em Gestão, também não disfarçou a sua alegria em poder estudar na maior universidade do País, tendo assegurado que espera obter conhecimentos exigidos no actual mercado de emprego.

“A minha maior alegria não é por ter sido admitido, mas sim, o facto de ter oportunidade para iniciar e terminar o curso em

tempo útil, uma vez que muitos começam e depois não conseguem finalizar”, argumentou.

Diferentemente dos outros entrevistados, Maura Chambula, que vai também cursar Tradução de Português e Inglês, perspectiva adquirir mais habilidades de comunicação para potenciar a arte de escrever e declamar a poesia.

“Estou ansiosa e com um pouco de medo, uma vez tratar-se de uma experiência nova. Mesmo assim, acredito que vai correr tudo bem”, reconheceu.

Recorde-se que os exames de admissão à UEM, para o ano lectivo 2022, decorreram à escala nacional de 31 de Janeiro a 04 de Fevereiro e os resultados finais foram divulgados no dia 05 de Março corrente.

Cerca de 60 por cento dos moçambicanos estão expostos a riscos de desastres naturais

O Arquitecto Luís Lage, docente e antigo Director da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da UEM, disse que cerca de 60 por cento do total da população moçambicana vive em áreas expostas a riscos de desastres naturais extremos, com destaque para inundações, cheias e ciclones.

Falando nesta quarta-feira (09.03), durante o *workshop* sobre Resiliência à Mudanças Climáticas, que decorreu na Faculdade de Ciências, explicou que a expansão da habitação está maioritariamente a ocorrer sem intervenção das instituições oficiais de Planeamento Urbano, sendo que cerca de 80 por cento das áreas urbanas do País é constituída por assentamentos informais.

“Estes incrementos de assentamentos precários, de vulnerabilidade ambiental, social e económico, têm atingido duramente a população”, disse.

Referiu que, apesar do Governo ter dado

passos significativos nos últimos anos, ao aprovar a Política e Estratégia de Habitação, enfrenta ainda o desafio de lidar com as necessidades e constrangimentos do sector, sobretudo, em relação aos aspectos de resiliência de habitação e dos próprios assentamentos.

“A integração de aspectos climáticos nos processos de regulamentação territorial e do Planeamento Urbano permite que as cidades desenvolvam a capacidade de se adaptar eficazmente aos actuais e futuros impactos climáticos”, indicou.

Acrescentou que, mecanismos eficientes



como aumentar a resiliência aos impactos das mudanças climáticas são vitais para garantir que os investimentos aplicados não estejam em risco, evitando desta forma retrocessos nos esforços nacionais de desenvolvimento.

“Cerca de mil salas de aulas são anualmente afectadas pelos desastres naturais. O impacto global dos perigos climáticos e consequente degradação ambiental podem ser estimados em 17 por cento do PIB nacional”, revelou.

Na ocasião, o representante do Programa das Nações Unidas para Assentamentos



Humanos, Wild do Rosário, assegurou que estudos recentes mostram que mais de 60 por cento das infra-estruturas escolares estão expostas aos desastres naturais do médio e alto risco, sobretudo nas províncias de Inhambane e Nampula.

“Temos uma média de 600 mil salas de aulas afectadas total ou parcialmente, em cada ano, o que tem impactado na limitação do acesso à educação e, ainda mais, o processo de reconstrução acaba requerendo

a mobilização de recursos financeiros elevados, devido à falta de planificação”, lamentou.

Indicou que, no concernente à análise da segurança escolar, existem três pilares fundamentais que instituições como UEM, UN-HABITAT e Ministério das Obras Públicas dão primazia nos seus trabalhos de campo.

“A primeira dimensão tem a ver com a selecção dos locais por construir e no

treinamento de pessoas. A segunda é relativa à gestão de desastres escolares, o que supõe a avaliação e planificação. Por último, temos o processo de ensino e capacitação para fortalecer a cultura de resiliência”, detalhou.

No *workshop* sobre Resiliência à Mudanças Climáticas estiveram presentes diversas personalidades que lideram organizações governamentais e não-governamentais, que actuam no ramo.

Estudantes da FAEF e FACED envolvidos em actividades de campo

No âmbito das actividades de Janeiro (AJAS), estudantes da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal (FAEF) e da Faculdade de Educação da UEM encontram-se espalhados em vários pontos das províncias de Maputo e Gaza para a realização de experiências práticas de campo.

Estudantes da FAEF estão nos distritos da Moamba, Macia e Mabalane. Enquanto isso, estudantes do curso de Educação Ambiental realizam experiências práticas de educação ambiental na Reserva Especial de Maputo e no Parque Nacional do Limpopo.

O objetivo é consolidar e aplicar os conhecimentos adquiridos durante o processo de ensino e aprendizagem nas diferentes áreas do saber através da análise dos problemas locais.

Durante duas semanas os estudantes de agronomia partilham as experiências com os agricultores locais e realizam actividades como o cultivo e a colheita. Enquanto os estudantes do curso de Educação Ambiental procuram vivenciar experiências locais de Educação Ambiental, apresentando estratégias de educação ambiental para resolução de problemas identificados no terreno.

Justino Afonso, estudante da FAEF, diz terem estudado na Moamba a eficiência técnica nos sistemas de cultivo agrícola, ao

mesmo tempo que entrevistaram e realizaram actividades de forma conjunta com os agricultores locais. Por sua vez, Nilza Luís Pequeno não escondeu a satisfação de estar no campo onde teve a oportunidade de conciliar actividade teórica e prática.

Durante as AJAS, espera-se que os estudantes de educação ambiental façam diagnóstico sócio-ambiental do Parque Nacional do Limpopo, discutam e apresentem estratégias e propostas de educação ambiental.

